

ESPAÇO E MICRO-HISTÓRIA: uma relação dialógica

Francisco Wellington Gomes Filho¹

Artigo recebido em: 12/09/2022.

Artigo aceito em: 17/02/2022.

RESUMO:

A intenção é traçar um diálogo analítico e metodológico, entre o conceito de espaço e a abordagem micro-histórica com o propósito de desbravar formas de lidar com essa relação. Para isso foi importante discutir o que é o evento histórico e como ele se insere numa perspectiva micro. Desse modo, alinhando o pensamento de diferentes autores pudemos perceber a complexidade que essa relação dialógica pretende ser. Esse estudo caminhou para mapear variações, regularidades, práticas, interações, intencionalidades e simbolizações que encontramos quando se direciona um olhar microanalítico. Com tudo isso, pudemos perceber a importância da dialogia entre espaço e micro-história, tomando como exemplo pesquisas realizadas com narrativas de assombração.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço. Micro-história. Evento.

SPACE AND MICRO-HISTORY: a dialogic relationship

ABSTRACT:

The intention is to trace an analytical and methodological dialogue between the concept of space and the micro-historical approach with the purpose of exploring ways of dealing with this relationship. For this, it was important to discuss what the historical event is and how it fits into a micro perspective. In this way, by aligning the thoughts of different authors, we were able to perceive the complexity that this dialogical relationship intends to be. This study aimed to map variations, regularities, practices, interactions, intentions and symbolizations that we found when directing a

¹ Mestre pelo Mestrado Interdisciplinar de História e Letras (MIHL), da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduado em História pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1503779192127091>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5051-3312>; E-mail: wellingtonf20@gmail.com. Na época da produção do artigo foi bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).

microanalytical look. With all this, we were able to perceive the importance of the dialogue between space and micro-history, taking as example research carried out with haunting narratives.

KEYWORDS: Space. Micro-history. Event.

1. Introdução

Como Espaço e Micro-história podem ser articulados? Esse é a pergunta central para essa investigação, porém os enlaces entre aquele conceito e essa abordagem histórica podem ir mais além. O que desejo aqui não é me centrar no conceito de espaço e percorrer um caminho de análises em escala micro, ou seja, fazer apenas uma microanálise do espaço.

Com certeza essa proposta de análise estará presente, mas não quero me restringir a um debate tão específico, isso não significa que o específico não estará nesse texto, significa que é um conjunto de especificidades que darão um teor maior para a discussão entre Espaço e Micro-história. As singularidades estão exemplificadas pelos confrontos entre as bibliografias. Será através de um percurso de discussão bibliográfica que teceremos aqui as análises.

Dito isso, a intenção é ampliar os percursos analíticos, no sentido de buscar mais possibilidades de diálogo entre esses dois conceitos. Vou me referir a Micro-história como um conceito também. Aqui o uso dessa forma para facilitar a escrita analítica. Todavia, entendo a micro-história como uma abordagem para operacionalizar uma prática de produzir história, conforme se refere Giovanni Levi (1992).

Nos remetermos à micro-história é adentrar em um campo de produção histórica já bem conhecido. Carlo Ginzburg em *O fio e os rastros* (2007) já nos mostrou os primórdios dos estudos micro-históricos e como essa abordagem se consolidou no campo da História, sendo ele mesmo um dos expoentes. Ronaldo Vainfas (2002), por outro lado, percorreu um caminho de diferenciação entre a História das Mentalidades

e a Micro-história, trazendo uma série de análises dos usos metodológicos, suas narrativas e influência da antropologia interpretativa de Clifford Geertz (2008). Henrique Espada Lima (2006), foi mais além e esmiuçou, as singularidades dos três principais autores de uma primeira geração de micro-historiadores italianos: Edoardo Grendi, Carlo Ginzburg e Giovane Levi, assim como os usos metodológicos e operatórios das perspectivas de cada um desses autores.

Embora tenha ressaltado esse caminho já trabalhado por Ginzburg em *O fio e os rastros* (2007), não está no escopo desse texto se deter em algo semelhante ao seu percurso no livro citado. De todo modo nos ancoramos em suas perspectivas, assim como nas de Giovanni Levi, Jaques Revel², Frederik Bath, Clifford Geertz e vários outros historiadores com amplas pesquisas em micro-história, microanálise e análise dos espaços.

Esses dois últimos antropólogos, com trabalhos relevantes à microanálise ou análise microscópica, têm trabalhos proeminentes para o debate que desenvolvemos aqui. O olhar mais detalhado deles sobre aspectos da cultura contribuiu para consolidar novos modos de lidar com as fontes de estudo em perspectiva micro.

Ademais, essa convergência de estudiosos para trabalharmos o micro se mostra pertinente, isso porque,

é preciso, antes, como o fazem os micro-historiadores ou certos antropólogos, determinar zonas sensíveis, isolar artificialmente momentos, configurações, espaços, que podem estar localizados naquilo que nos aparece tanto como o centro quanto como a periferia de uma sociedade, e dissecá-los (ABÉLÈS, 1998, p. 115).

As zonas sensíveis serão os pontos ou percursos de análise onde a escala micro prevalecerá. Não como escala mais preponderante do que a macro, mas como estratégia analítica para dialogarmos com o conceito de Espaço. O isolamento artificial, a que Abélès se refere, significa que no decorrer das análises uma perspectiva

² Refiro-me aqui tanto aos textos de sua autoria como o livro organizado por ele, *Jogos de Escala: a experiência da microanálise*.

mais teórica pode prevalecer, isso não significa que irá comprometer ou dificultar o entendimento, o que queremos é facilitar o entendimento teórico-metodológico aqui aplicado.

As configurações que Abélès menciona são sobre as interações e ações dos sujeitos dentro de um espaço por ele experienciado. Aqui a configuração do espaço não pode se restringir a si mesma. O tempo e seu decorrer, sua duração, também entram nessa configuração. Espaço e tempo são uma inevitabilidade do sujeito, não temos como escapar deles. Eles nos circunscrevem e nós os escrevemos na nossa experiência cotidiana. Dissecar essas configurações do espaço é também nos remeter para além dele.

Como dissemos anteriormente o tempo está intrínseco, utilizarei com alguma frequência a terminologia espaço/tempo justamente para remeter a inevitabilidade que mencionei antes. O espaço/tempo tem seu começo, meio e fim, isso nos remete a pensarmos um passado, um presente e um futuro respectivamente. Nisso encontramos a formulação de um evento e esse é concebido como histórico, justamente, porque dentro do evento há sempre um espaço/tempo, há sempre um passado, um presente e um futuro no evento³ (KOSELLECK, 2014).

Reinhart Koselleck ressalta bem essa construção temporal no evento, pois para ele “a singularidade de uma sequência de eventos pode ser vista empiricamente onde se experimentam surpresas. Ser surpreendido significa que as coisas não aconteceram da forma esperada” (KOSELLECK, 2014, p. 23). Não nos deteremos apenas em singularidades, mas também em regularidades. Intercambiar essas perspectivas dos eventos (singularidades e regularidades) como componente da configuração do Espaço pode nos levar a pensar que “a história sempre tem a ver com o tempo, com

³ O adjunto adnominal “no evento” não é aleatório. Aqui me refiro aos referentes temporais passado, presente e futuro que estão dentro do evento. Quero salientar que todo evento inclui pelo menos um sujeito e um espaço e tempo. O “tempo” no evento é a duração e esta duração tem um começo, um meio e um fim que são o passado, o presente e o futuro que existe e atravessa (perpassa) o evento.

tempos que permanecem vinculados a uma condição espacial, não só metafórica, mas também empiricamente” (KOSELLECK, 2014, p. 9).

Essa empiria do tempo e do espaço como podemos perceber não se desvincula, ela está lá com o sujeito e com suas ações, criando uma experiência no cotidiano. Nesse sentido, a configuração do Espaço como podemos ver não é restringida, pois os sujeitos criam uma interação quando adentram um espaço e/ou um lugar específico. A interação além de configurar, reconfigura. Isso se daria através das constantes mudanças e variações que um sujeito pode ter com o espaço que ele adentra ou com o lugar praticado.

Apesar de concordarmos com Michel de Certeau que o “espaço é o lugar praticado” (CERTEAU, 1998, p. 202) e que os lugares se configuram como posições, como delimitações fixas, não podemos confundir o que ele quer dizer com tudo isso. Esse caráter fixo do lugar, não significa que ele é inerte, imóvel ou imutável. Como o lugar é e está sendo praticado, a maneira como isso se dá na duração temporal dessa prática, pode mudar. Lembremos que existem ações feitas pelos sujeitos nesses lugares: observações; gestos; movimentações, na circunscrição do próprio lugar que fazem modificar a percepção; e a interação que se tem com os lugares. Se essa interação muda então ocorre uma alteração na configuração do lugar, há uma reconfiguração.

Desse modo, vemos que estabelecer uma relação dialógica entre Espaço e Micro-história nos leva a percorrer uma trajetória desafiadora em termos teórico-metodológicos de análise. E que tentar situar essa relação de diálogo entre micro-história e espaços numa tentativa de fazer micro-história espacial é bastante relevante para uma historiografia que pretende dar ênfase à espacialidade, mas não de forma apartada da temporalidade que caminha de forma conjunta.

Espaço e tempo: análises de uma espacialidade e uma temporalidade devem ser fundamentais na pesquisa historiográfica. E aqui tentaremos desbravar um percurso analítico que auxilie na operação histórica. Para isso procederemos por uma

análise conceitual do evento e logo depois iremos trazer análises de micro-história, espaço e lugar como uma forma de intercambiar e convergir esses conceitos.

2. Evento, espaço e lugar na escala micro

O evento pode ser concebido como uma ocorrência em um momento particular, ele está inscrito no tempo e no espaço. Esta acepção nos remete a pensar o evento como histórico, já que uma ação humana na história está circunscrita e inscrita em um tempo e espaço específicos.

O evento histórico seria um recorte temporal e espacial: uma delimitação, uma duração-limite e ele também é intencional. Como diz o historiador Paul Veyne: “em nenhum caso, o que os historiadores chamam um evento é apreendido de uma maneira direta e completa, mas, sempre, incompleta e lateralmente, por documentos ou testemunhos, ou seja, por *tekmeria*, por indícios” (VEYNE, 1998, p. 18). A narrativa história se deteria e se construiria no estudo do que restou, por isso que para Paul Veyne o estudo histórico, sua narrativa, nunca conseguiria copiar o evento totalmente com todos os seus detalhes.

O evento é enxergado por esse historiador francês como o dado factual em sua completude e como o estudo da história se faz com documentos o historiador ficaria impossibilitado de se alcançar um conhecimento direto do caso. De igual modo podemos dizer que o evento é uma individualidade histórica com suas diferenciações, o evento é o acontecimento inalcançável, já a história seria um estudo que nunca se repete mesmo quando se quer contar sobre um mesmo evento (VEYNE, 1998).

Percebemos assim, a mobilidade do evento em termos da circunscrição: o evento pode ser facilmente moldável a depender do que queremos compreender com ele. Vemos que uma singularidade está presente nessas remodelações e escolhas. Porém também podemos perceber regularidades nas análises de um evento. Estou me referindo às singularidades e regularidades não como fazendo parte intrínseca do

evento, não que não seja, mas como um olhar metodológico que podemos usar para identificar e remodelar o evento (KOSELLECK, 2014).

O singular, o que é surpreendente e o regular, algo que de alguma forma se assemelha ao que já ocorreu, são partes do evento também. Como menciona Reinhart Koselleck: “mas essas singularidades são apenas parte da verdade. Vista como um todo, a história também repousa em estruturas de repetição que não se esgotam nas singularidades.” (KOSELLECK, 2014, p. 21). Porém essa fala do historiador alemão não se refere ao evento como ocorrência intrínseca, dentro de si mesma, mas como uma experiência ou um conjunto delas em um determinado espaço-tempo.

Assim, temos duas acepções distintas para o evento: uma em que ele está encerrado nas experiências de algum sujeito, grupo, comunidade ou sociedade dentro de um espaço-tempo, essas experiências seriam uma singularidade. Já a outra acepção é a regularidade, o que se assemelha, que é onde a experiência em dado momento anterior refunda um evento, trazendo consigo traços comuns.

Consequentemente, dentro da perspectiva da primeira acepção, um indivíduo, um grupo e uma multidão podem ser sujeitos de um mesmo evento. Cada sujeito dentro de sua ótica tem sua própria trajetória, ele a produz, assim, a duração do evento está ligada a ação desses sujeitos. “Bastavam um homem e um momento propícios para provocar um evento completamente inesperado” (KOSELLECK, 2014, p. 216).

Aqui começa a se constituir um entendimento e práticas de se escrever e pensar a história. Se lidamos com o singular em suas múltiplas significações podemos partir para um percurso onde o detalhe tenha proeminência, como bem faz as análises micro-históricas. A micro-história, como ressalta Levi, é um “método [que] está de fato relacionado em primeiro lugar, e antes de mais nada, aos procedimentos reais detalhados que constituem o trabalho do historiador.” (LEVI, 1992, p. 133).

Os sujeitos em termos de ações realizadas em um dado espaço/tempo produzem seus eventos ou participam de eventos para além de si mesmos. Porém em

nenhum dos dois modos o caráter micro-histórico é negligenciado, porque a ótica está na escala analítica de observar o sujeito. Também não significa que o sujeito é exclusivamente nosso objeto de estudo, mas podemos nos atentar a desbravar os seus percursos, o de um grupo ou uma comunidade no intuito de compreender melhor os detalhes que se revelam na escala micro. Dessa forma, a duração e a trajetória percorrida por um sujeito são fundamentais para a compreensão de um evento histórico, como também para sabermos mais sobre o espaço e os lugares que ele percorreu.

Exemplos notórios na micro-história são o de Menocchio em *O queijo e os vermes*, de Carlo Ginzburg (2006), onde o historiador percorre uma trajetória individual que o leva para outras trilhas em busca de construir esse imaginário peculiar que era o do moleiro que tanto deixou perplexos os inquisidores que o interrogavam. Outro exemplo, é o de Giovan Battista Chiesa, vigário na cidade de Santena, em *A herança imaterial*, de Giovane Levi (2000). Levi nessa investigação tenta traçar os impactos das ações do reverendo, como exorcista e curandeiro, na cidade onde residia e nas comunidades vizinhas. Esses são apenas alguns exemplos dos desdobramentos que um sujeito pode ter para a construção singular de um trabalho historiográfico e que a micro-história ajuda a desnudar e a traçar um novo panorama de análises que revelam outras compreensões e explicações para os eventos percorridos por esses sujeitos. Eles são os fazedores e participantes do evento analisado pelos historiadores.

Mas como delimitamos a duração do evento? Podemos ver um evento se iniciando e se encerrando talvez com maior facilidade, mas podemos, através de fontes, perceber também desdobramentos. É o olhar analítico do historiador quem delimita o desdobramento. Tenhamos em mente que é na leitura analítica das fontes que poderemos perceber com mais clareza o vai e vem do decorrer de um evento e do percurso de um sujeito nele. Entender um pouco sobre a duração e a flexibilidade do evento ajuda na compreensão das categorias de espaço e lugar nessa discussão e, desse modo, na compreensão da trajetória que um sujeito percorre por esse espaço e lugar.

Vimos que o tempo não está desvinculado de um espaço. Porém queremos perceber como o espaço e lugar são apreendidos dentro de um evento histórico. Para isso podemos recorrer uma pergunta, já a muito tempo lançada pelo geógrafo Yi-Fu Tuan, que parece ajudar a elucidar essa questão: “de que maneira as pessoas atribuem significado e organizam o espaço e o lugar?” (TUAN, 1983, p. 5).

A significação atribuída a um espaço e a um lugar advém primeiramente da experiência, ou seja, da capacidade de agência do sujeito. São as ações de um sujeito que contribuem para a construção de um espaço social e cultural. Isso ocorre porque a experiência ao se realizar deixa indícios de que algo aconteceu ali, por exemplo: marcas, rastros, objetos. Esse tipo de ação é fruto de uma interação do humano com o ambiente a sua volta e de suas escolhas, naquele espaço e lugar. As interações modificam os significados do lugar em um espaço, assim como contribuem para elucidar as várias simbolizações que podemos encontrar no lugar, no espaço, nos sujeitos e no ambiente espacial envolta.

O *significado* é uma relação entre uma configuração ou signo e um observador, e não alguma coisa sacramentada em uma expressão cultural particular. Criar significado requer ato de conferi-lo. (...) precisamos ligar um fragmento de cultura e um determinado ator (a) à constelação particular de experiências, conhecimentos e orientação desse/dessa ator (a) (BARTH, 2000, p. 128).

As atribuições de significado que o antropólogo Fredrik Barth designa são voltadas para o particular, para o micro, para o singular. Porém não de forma solta, onde cada particular seria um significado absoluto na cultura, mas sim que cada significado está relacionado a um contexto.

A cultura é um aglomerado, ou como ele fala, uma constelação de experiências onde as variações são interdependentes. É nesse aglomerado de experiências que vemos a relação do sujeito com a cultura que ele experiencia. É nessa relação que conseguimos estabelecer um significado interativo entre sujeito e sua experiência. Mas fica a pergunta: como isso ocorre?

A organização, que menciona a pergunta de Yi-Fu Tuan, mostrada anteriormente, surge de uma intenção criadora para o espaço. Essa intenção advém da maneira como os sujeitos interagem com o lugar ou com os lugares e como aqueles participam desses. As respostas podem ser encontradas em uma investigação sobre a interação direta do indivíduo no espaço e nos lugares.

O próprio espaço chega a moldar uma maneira de ser para um indivíduo que o adentra, por outro lado o indivíduo ao participar se vê confrontado com o que o espaço te revela, o que te propõe. Assim, para a interação/fluxo entre espaço e indivíduo ocorrer tem-se necessário uma participação entre a dualidade (espaço e sujeito).

Toda essa atribuição para pensar o espaço, nos leva a pensá-lo como social. Através dessa perspectiva podemos considerar que “a idéia central é que existir em um espaço, ser um ponto, um indivíduo em um espaço, é diferir, ser diferente” (BOURDIEU, 1996, p. 23). Pensar o diferente é trazer uma série de novas perspectivas para entendermos como o espaço pode se multiplicar de significados, assim como os sujeitos modificam seus significados quando em interação com o espaço. Aqui temos uma mudança recíproca entre espaço e sujeito, forjada na capacidade dos sujeitos de atribuírem sentido as si mesmos e ao ambiente a sua volta quando são agentes de suas ações.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu se refere a um espaço social, porém não menciona o lugar como categoria que está presente nesse espaço. Porém não devemos nos furtar a pensar o lugar como parte integrante do espaço até porque entendo que “o espaço é um cruzamento de móveis” (CERTEAU, 1998, p. 202) onde os personagens executam sua caminhada, definem seus movimentos. Cada pausa aqui é um lugar, onde a ação é um movimento do corpo, do olhar ou da fala e que dá significado a esse lugar.

O lugar é uma circunscrição dentro de um espaço, seja uma casa, uma rua, um quintal. É um ir e vir, é um lá e cá onde os sujeitos executam movimentos, estabelecem

percursos e criam desdobramentos no espaço praticado. Os desdobramentos surgem de um caráter de agência, o sujeito executa uma ação e assim, anima o lugar e o espaço onde ele está: os desdobramentos, nesse sentido, são significações. Desse modo, a ação do sujeito é um fazer-se de si e do espaço onde está, por isso que Michel de Certeau fala que “o espaço é um lugar praticado” (CERTEAU, 1998, p. 202).

Praticá-lo significa interagir com o espaço e os lugares que a ele, os sujeitos, são pertencentes, e estão circunscritos. Praticar nos remete a configurar e a configuração se dá de modo social e cultural. Como vimos, o espaço é social justamente por ter ao menos um indivíduo nele. Vimos, conforme a perspectiva de Bourdieu, que é possível existir uma interação entre o sujeito, sozinho, com o espaço e lugar, porém, também, podemos pensar a interação entre sujeitos. Só em haver mais de um sujeito as práticas já se modificam.

De estar sozinho para estar com outros sujeitos compartilhando um mesmo espaço e lugar, os modos de atribuição de significados podem já se diferenciar. O espaço, nesse sentido, já é percorrido de forma variada. As intencionalidades para com o espaço e o lugar se reconfiguram: constrói-se, assim, uma nova configuração.

Desse modo também podemos perceber o espaço como praticado quanto movimento. E se temos um espaço social, também temos o lugar social, já que o lugar é circunscrito pelo espaço. Aqui o social tem o sentido de uma interação dos sujeitos e essa é diferenciadora no sentido de que cada interação é um ponto em que o sujeito o preenche como ser participante do espaço e do lugar. Para a interação entre espaço e indivíduo ocorrer tem que existir uma participação (que é uma ação) que faz a dualidade (espaço e sujeito) interagirem e produzirem uma organização de interações e significados (TUAN, 1983).

A experiência de mover-se em um espaço o designa como fluido, aqui o lugar é delimitado como uma pausa, onde a relação entre espaço e lugar é dialógica. O espaço circunscreve o lugar e este é local de ação do sujeito onde “cada pausa no movimento torna possível que a localização se transforme em lugar.” (TUAN, 1983,

p. 6). É nessa relação que a experiência ocorre, que ela se cria conforme o lugar vai sendo praticado. A prática é aqui entendida como a interação-ação de um sujeito.

Desse modo, o lugar não tem como não ser “uma configuração instantânea de posições” (CERTEAU, 1998, p. 201) e assim, cada ação do sujeito configura seu lugar no espaço, cada sujeito que a executa constrói uma experiência com o lugar praticado e cada experiência dos sujeitos nos leva a uma interação. Configurando assim um espaço onde os movimentos e as ações é o que define a diferença entre espaço e lugar (CERTEAU, 1998). Os lugares definem novos usos, modos de sentir e praticá-los, usos dos lugares, para os lugares e com os lugares. Assim, podemos pensar em um conjunto de análises microssociais se encadeando.

O conjunto analítico microssocial não se desliga da abordagem micro-histórica, não somente pelo caráter micro, mas também porque como fala Levi (1992) o historiador não se limita a uma interpretação dos significados por si mesmos, também se debruça sobre as diferenciações simbólicas, os confrontos, as disputas que ocorrem em meio às múltiplas formas de interpretar esse emaranhado de relações e suas possibilidades, que podem ocorrer nas interações entre os sujeitos. É adentrando essas perspectivas que ampliamos as interações com os espaços e os lugares. Assim, toda aquela discussão sobre o evento fica repleta de complexidade para análise.

O evento em sua duração contém esses espaços e lugares praticados por sujeitos. O que queremos com tudo isso é demonstrar que o evento em escala micro e o percurso do sujeito por um espaço e praticando lugares constrói uma quantidade significativa de diferenciações, singularidades que dão um tom diferente ao evento. Porém uma segunda questão que envolve o evento nos remete a regularidade do mesmo. Como Koselleck (2014) menciona, não é só de singularidade que é feito o evento, algo de regular existe.

O que existe são as reminiscências de experiências anteriores e símbolos que podem ser encontrados e assemelhados a outros eventos. Para demonstrar esses traços regulares partirei para análises historiográficas de dois símbolos comuns e que

se intercambiam: a noite e o medo. Esses símbolos fazem parte da minha pesquisa sobre narrativas de assombração, por isso proeminência em demonstrar seus usos para pesquisas que dialogam com a Micro-história e Espaço (GOMES FILHO, 2023; GOMES FILHO; ALENCAR, 2022).

Os símbolos da noite e do medo, por exemplo, tão comuns para as sociedades, nos remetem a pensarmos como várias culturas as experienciaram. Escolhi esses dois símbolos por também manterem uma relação dialógica. Vamos ver como essa regularidade simbólica é perceptível dentro do escopo de nossas análises sobre espaço, lugar e a interação social dos sujeitos trazendo exemplos de como os símbolos aparecem em um contexto histórico.

A noite em muitos casos é ligada ao medo, a insegurança ou a algo temível que se esconde na escuridão tendo a luz como sua antítese. A noite como elemento do mundo natural parece aumentar a insegurança sobre os espaços e lugares por onde sujeitos percorrem e tem esse elemento natural como predominante. Desse modo, a noite, as trevas, o escuro simbolizam ações maléficas, que estão ligadas “a agitação, a impureza, ao barulho” (DURAND, 2012, p. 92). Escutar sons que não se reconhecem à noite podem deixar uma pessoa minimamente surpresa, se não apavorada. Era o que acontecia, por exemplo, na cidade Francesa de Gévaudan quando no início da década 1760, a cidade foi aterrorizada por ataques do que se dizia ser um lobisomem. A fera atacava mulheres e crianças, principalmente, conforme nos esclarece o historiador francês Jean Delumeau (2009).

A noite, desde os tempos antigos, era experimentada pelos homens e estes eram suscetíveis aos seus ataques que vinham das sombras ao redor. “O medo *na* escuridão é também aquele sentido de repente por uma criança que adormece sem dificuldades”. (DELUMEAU, 2009, p. 141). Adormecer, significaria vulnerabilidade e a noite poderia ser o momento propício para isso, onde a escuridão domina as possibilidades de visualização (no sentido de enxergar) por parte das pessoas. Comprometer a visão parece uma função muito simples para a noite, sua imposição

força os outros sentidos e deixa a pessoa mais alerta. Para os sujeitos, a agitação desenvolvida pelas trevas “é feita desse sentimento de que alguma coisa de temível vai lançar-se sobre eles, saindo da sombra, ou os espreita, invisível” (DELUMEAU, 2009, p. 141).

A noite também é momento propício para afastar os males, esperar pela manhã e pela luz do dia não parece ser o ideal. A noite apressa o sujeito a realizar práticas de afastar temores que sabe que podem estar à espreita. Assim, fazendo um paralelo com o símbolo do lobisomem que mencionamos, em várias regiões do Brasil para quebrar a transformação de um lobisomem é preciso uma “bala que se unte com cera de vela que ardia em três missas de domingo ou na missa-do-galo, na meia-noite do Natal” (CASCUDO, 1999, p. 518). O horário-limite é um designador da prática. A noite não abre consenso, tem que ser naquele momento específico para quebrar a transformação.

Também é à noite, na região de Jürgensburg, na Lituânia do final séc. XVII que um sujeito idoso chamado Thiess, diante dos tribunais de inquisição, dizia transformar-se em lobisomem, para combater o diabo no local que ficava para além do mar, o que seria o inferno, essa luta era em favor de boas colheitas. Se perdesse o confronto as colheitas seriam devastadas, se vencesse essas seriam abundantes (GINZBURG, 1988).

A escolha da noite não é aleatória “a noite tem uma existência simbólica autônoma” (DURAND, 2012, p. 67). E como Delumeau (2009) ressalta, com frequência fantasmas e outros males se faziam presentes na noite. A noite parece ser um período propício para que o medo se instale nos ambientes onde as pessoas estão. Apesar de ser autônoma, vemos que é na inserção do sujeito em um espaço e lugar onde predomina a escuridão que vemos intensificar os significados da noite e dos medos sentidos. A interação simbólica entre sujeito, noite, medo, espaço e lugar demonstram uma complexidade na interação-ação nos espaços percorridos e nos lugares praticados.

Com esses exemplos vemos uma regularidade analítica em termos de análise dos símbolos. Esse tipo de regularidade é diferente do que menciona Koselleck (2014) quando fala em estruturas de repetição. Nesse caso, o autor se detém em um plano macro de análise conjuntural. No nosso caso trago essa discussão de regularidade para a escala micro, onde fica mais perceptível os detalhes das ações dos sujeitos. Também conseguimos demonstrar que essa regularidade não é somente intrínseca ao evento, mas também a uma ótica de operação teórico-metodológica: definimos quais símbolos analisar para demonstrar a regularidade, depois percorremos um caminho teórico e histórico para reforçar o diálogo não só dos pares de conceitos (noite e medo) como também para mostrarmos que eles têm uma historicidade e que estão presentes em outras culturas e sociedades separadas tanto temporalmente, como espacialmente.

3. Espacialmente micro

A redução da escala que desenvolvemos aqui destrinchando percursos de eventos, sua duração, as ações dos sujeitos e suas interações no espaço e nos lugares contribui para aprofundarmos a discussão sobre uma micro-história dos espaços. As análises anteriores deixaram claro que o espaço não é entendido apenas como meio ou um mero dado geográfico, mas também com um elemento ativo, dinâmico, onde os sujeitos nas suas ações contribuem na sua configuração.

O que uma escala reduzida faz é detalhar mais o cenário, a ambientação, a atmosfera, que encorpa o lugar e a presença ou ausência de um sujeito que é espacialmente importante para os detalhes. Os traços finos que Jaques Revel (1998) refere-se ao falar da micro-história como abordagem para observar o que não se poderia em uma escala macro marca bem uma das propostas do saber-fazer de uma pesquisa micro-histórica.

Não significa que o micro historiador somente trabalha com a micro-análise, com o detalhe, mas que essa escala é fundamental para ele perceber nuances importantes para uma análise mais complexa. Intercambiar macro e micro dentro de

uma narrativa historiográfica é importante para qualquer pesquisador. Não podemos tomar o macro pelo macro ou o micro pelo micro. Dialogar com as duas formas parece ser um caminho que adentra a narrativa e fortalece os argumentos de uma compreensão/explicação histórica (GADDINS, 2003).

É dentro do percurso do estudo da relação da micro-história e do espaço que estamos estabelecendo essa investigação. Perceber como as análises de símbolos e ações se constituem por meio dos traços finos e como eles se diferenciam e se assemelham quando os relacionamos na perspectiva micro ajuda a revelar variações e compreensões antes não conhecidas. Vemos muito disso no trabalho de Ginzburg (2006): *O queijo e os vermes*. Aqui adentrando os meandros da inquisição nos foi revelado mecanismos religiosos cosmológicos criados por um moleiro.

Quando Ginzburg relaciona suas análises com os estudos tradicionais já realizados sobre a inquisição ele percebe uma série de variações no tecido social e cultural do Friul: a circulação de livros que poderiam ser considerados pela igreja como profanos e uma articulação pelos caminhos por onde uma rede de relações entre o moleiro Menocchio e amigos estabeleciam trocas sobre suas crenças. Tudo isso pode nos revelar que a inquisição tinha suas brechas em termos de fiscalização literária. Uma espacialização porosa onde a inquisição nem sempre estava presente de forma excessiva para exercer uma inspeção

Desse modo vemos uma célebre articulação entre micro e macro em uma série de eventos que circundam a vida de um sujeito. Espacialmente poderíamos dizer que o sujeito refunda os significados para o seu lugar de sociabilidade. O lugar onde habita é configurado por suas crenças, percepções, gostos e intencionalidades. Um sujeito que se embrenha no espaço realiza suas ações, não fica inerte. O espaço o engloba, o absorve. Um espaço em micro envolve um contexto de articulações e conexões.

Essas articulações e conexões podem ser abstratas no sentido que é o olhar do historiador que vai estabelecer conexões de análises e isso pode ocorrer através de comparações. Articular lugares e conectá-los não ocorre de qualquer jeito é preciso

estabelecer semelhanças e diferenças entre as categorias de análise. Pensarmos como um sujeito interage com o espaço onde ele está e estabelecermos conexões analíticas sobre os detalhes que se assemelham com outras interações de outros sujeitos é reorganizar essas conexões em um contexto comum (DE VITO, 2020).

A articulação só procede se existir pontos que possam ligar uma interação com outra. Antes mencionamos os símbolos da noite e do medo e traçamos um breve elo histórico onde esses símbolos se articulam para encontrarmos alguns significados de seus usos. Também podemos fazer isso com os espaços praticados. Se uma determinada prática é realizada em um local podemos estabelecer conexões e articulações entre as práticas. Isso pode ocorrer dentro de uma análise dos documentos ou de uma discussão historiográfica sobre temas que se alinham.

Alinhar-se não significa que as análises concordam uma com a outra, mas que ambas têm aspectos semelhantes. Por exemplo, em meus estudos sobre narrativas de assombração (GOMES FILHO, 2023) encontrei práticas de transformação de pessoas em lobisomens no período da noite. Sendo que o elo comum é o ato de transformar-se em meio a escuridão noturna. Porém, também encontrei que essa transformação pode ser nas camas onde os animais dormem ou, como trazem algumas historiografias: em encruzilhadas, estradas ou próximo a árvores. Aqui, como vemos, também continua existindo um elo, pois ainda existe o ato de transformação, só que ele se diferenciou. Essa variação é importante justamente para sabermos se os espaços têm alguma relação no ato de transformar-se, se a escolha do local é deliberada, ou se é fruto de alguma cultura “folclórica” ainda não conhecida.

O que posso afirmar é que “um aspecto decisivo para a análise das conexões reside em reconhecer a natureza diferenciada delas” (DE VITO, 2020, p. 112). Articulações e conexões existem entre elos comuns e também entre aspectos que variam. Quando variam podemos ver os elos de diferenciação, mas os comuns ainda existem lá. Por isso é importante e imprescindível fazer conexões entre práticas que variam tanto espacialmente como temporalmente.

A temporalidade nos fala sobre aspectos específicos de uma época, de uma cultura. Já a forma de interagir com o espaço e no espaço varia conforme uma dada temporalidade. Tudo isso nos propõe pensar questões micro que envolvem a pesquisa histórica quando articulamos as análises de nossas documentações com a historiografia.

Fazer uma micro-história dos espaços e dos lugares é se embrenhar nessa complexidade de conexões que podem existir entre os cenários, a ambientação, a atmosfera do espaço, como também das sensações, das percepções e dos movimentos dos sujeitos. Tudo isso complexifica uma microanálise e a feitura de uma micro-história dos espaços. Aqui, por fim, vemos que a relação de diálogo entre espaço e micro-história está na capacidade de interligamos variáveis; estabelecermos conexões entre elos comuns e diferenciados; assim como quando articularmos relações onde os espaços são vistos como criadores e criados por sentidos atribuídos pelos sujeitos. É nas suas ações que os sujeitos contribuem para uma nova configuração dos espaços.

Uma outra perspectiva é a de pensar o espaço com a ausência do sujeito. Como seria uma dada situação histórica sem os sujeitos que ali não estivessem nela? Como seriam esses espaços? Como eles seriam configurados sem a presença direta do humano interagindo e praticando o espaço e os lugares?

O espaço de uma casa, por exemplo, pode ter muitos significados, pode ser um abrigo, pode ser uma defesa, pode significar conforto ou até medo. Conseguimos imaginar isso quando pessoas experienciam a casa como espaço, nela incorporam-se sensações e percepções bem pessoais. Gaston Bachelard em sua poética do espaço designa a casa como um elemento primordial, para ele “a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela.” (BACHELARD, 1978, p. 200).

Essa é uma visão benfeitora da casa, assim, como um viajante poderia encontrar em uma casa abandonada um lar para seu descanso em uma jornada. A casa

como nosso primeiro espaço, que podemos afirmar sendo nosso, na ótica de Bachelard, ajuda a pensar as expectativas que criamos dela. O que proponho é pensarmos as ausências de sensações e percepções em uma interação do sujeito com a espacialidade.

Nas histórias de assombração com que trabalho os espaços surgem de forma muito variada: além das casas, têm-se quintais, estradas, beiras de rios. E de forma mais delimitada quartos, alpendres, salas, carros. Todos esses são espaços: lugares praticados pelos sujeitos em interação com uma assombração, no instante que essa é percebida visualmente ou não (GOMES FILHO, 2023).

Agora pensemos nesses espaços de assombração sem a pessoa estando naquele local. A ausência de interação nos faz pensar que o local poderia não ser sequer assombrado. Isso só mudaria caso houvesse relatos de que naquele lugar apareciam assombrações. Porém em uma boa parte dos relatos que colhi os assombros surgem de forma surpreendente. É como se as pessoas não soubessem que fossem ver, ouvir ou sentir a assombração quando estão naqueles lugares (GOMES FILHO; ALENCAR, 2022).

Caso pensemos em uma assombração não estando ali veremos apenas estradas comuns, casas comuns e os demais espaços igualmente comuns. Os espaços de assombração surgem com a interação entre sujeito e assombro em um dado lugar no espaço. Sem essa configuração o caráter daquele espaço como assombrado não existiria. Mesmo quando alguns relatos me falam que aquela casa é conhecida por ser assombrada, só posso confirmar que é quando ocorre ou já ocorreu alguma interação entre sujeito e assombro (GOMES FILHO; ALENCAR, 2022; GOMES FILHO, 2023).

Dessa forma vemos que os espaços não se constituem como algo definido, mas podem ser definíveis no tocante às possibilidades que podem existir ou não. Pensar a ausência mesmo quando existe a presença é remontar todo o contexto das narrativas de assombração. Não é negar a existência, mas sim fazer um exercício de

pensar os modos de ser e não ser de um espaço quando o sujeito está praticando-o. Fazer isso é remontar os usos e modos de ser de um espaço, é uma forma de reconfigurá-lo. Imaginar ausências é enfatizar a presença e as ações que existem no espaço e como essas contribuem para fazer existir significados.

No contexto da ação dos sujeitos vemos como esses se relacionam com o espaço em que estão, vemos suas intencionalidades postas em prática. A análise do pesquisador é quem remodela os usos e as relações que os sujeitos remetem com o espaço. A contextualização é um emaranhado de práticas que podem se combinar ou não, se divergir ou convergir. O contexto é formado pela interação entre sujeitos e entre esses e os espaços. Vimos que pensar ativamente a ausência dos sujeitos é reconfigurar o espaço para conseguirmos perceber de forma enfática sua presença e impacto no mesmo.

Por isso usei como exemplo minha pesquisa para demonstrar como uma análise microespacial pode ser desenvolvida com conexões. É importante que o diálogo entre micro-história e espaço não se detenha apenas em um tipo de análise. Os desdobramentos de uma interação humana se dão também entre as várias experiências que encontramos na documentação. No meu caso, tenho uma variedade extensa de narrativas que posso cruzar e perceber diferenças e semelhanças entre elas, observar as intersecções, as práticas, as simbolizações e as características de cada assombração e os espaços onde essas habitam momentaneamente ou não (GOMES FILHO; ALENCAR, 2022; GOMES FILHO, 2023).

Fazer um cruzamento das fontes (dos tipos de relatos sobre assombrações) parece ser essencial para diferenciar espaços, lugares e o ato das assombrações aparecem para as pessoas, assim como estabelecer regularidades entre as tipologias, as ações e as interações. Todas essas formas de estabelecer uma análise se fundamenta no diálogo entre espaço e micro-história.

4. Conclusão

Pensar em uma relação dialógica não é uma tarefa simples. Em primeiro lugar temos que supor que duas coisas podem dialogar, mesmo que essas não pareçam facilmente se alinhar. Deter-se num intercâmbio entre espaço e micro-história é caminhar numa tentativa de conceber uma prática analítica que se propõe diferente. Nesse meio do caminho vimos que o evento como situação histórica engloba delimitações temporais e espaciais e que a forma como manejamos o evento, através da documentação, depende de nossa ótica como historiador.

O evento micro com seus desdobramentos é constitutivo para um estudo micro-histórico, porém a escala reduzida não é fator por si mesma de excelência. Não devemos analisar o micro pelo micro. Os detalhes devem ser percebidos para complexificar o estudo, procurar por aspectos e perspectivas não vistos em outra ótica: a macro. Com isso entendido, podemos ter em mente que quando nos detemos no micro o espaço não pode ser negligenciado. Um olhar espacial pode nos ajudar a esquadriñar aspectos, contextos, ações, simbolizações e conexões que poderiam não ser vistos em uma escala macro.

Por isso o espaço em micro tem sua relevância. Fazer uma micro-história dos espaços de forma conjunta com uma microanálise dos mesmos se constitui em duas tarefas diferentes, mas que se aliam. A primeira é percorrer uma trajetória tomando o micro como caminho e revelando as variações que podemos encontrar dentro de um contexto que pode ser passível de generalização, ou seja, que podemos dialogar com uma perspectiva macro. O segundo é submeter cada parte do espaço a uma análise profunda: o cenário, a ambientação, os sujeitos, as práticas, as interações, as intencionalidades e as simbolizações.

Através desse tipo de operação historiográfica podemos delinear e ramificar uma série de análises e construir uma narrativa histórica complexa e inteligível. O pensar espacialmente micro ajuda a articular o objeto de estudo e a documentação. Isso faz com que se proponha conectar semelhanças e variações e, assim, estabelecer um estudo histórico onde as variáveis são interdependentes: as diferenciações não se

divergem, mas convergem. Um evento com seus múltiplos detalhes: sujeitos, espaços, lugares, ações, práticas, símbolos e intencionalidades se interpenetram produzindo significados através do olhar do pesquisador.

Assim, o evento analisado através do diálogo entre espaço e micro-história produz uma narrativa diferenciada e que se junta a uma plêiade de outras perspectivas de abordagens historiográficas de se fazer história. Esse diálogo não é para se tornar um campo de estudo autônomo até porque não é essa a intensão desse breve estudo, mas sim de adentrar os estudos teórico-metodológicos da história e iluminar um pouco o aparato instrumental do fazer do historiador.

REFERÊNCIAS

ABÉLÈS, Marc. O racionalismo posto à prova da análise. In: REVEL, Jaques (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 103-120.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In: BACHELARD, Gaston. Col. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 181-354.

BARTH, Fredrik. A análise da cultura nas sociedades complexas. In: BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000. p. 107-139.

BOURDIEU, P. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**. Campinas, Sp: Papirus, 1996.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

DE VITO, Christian G. Por uma micro-história translocal (micro-spatial history). In: VENDRAME, Máira; KARSBURG, Alexandre (org.). **Micro-história: um método em transformação**. São Paulo, Sp: Letra e Voz, 2020. p. 101-120.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia de bolso, 2009.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução a arquetipologia geral. 4. ed. São Paulo: Editora WFM Martins Fontes, 2012.

GADDINS, Jonh Lewis. **Paisagens da história**: como os historiadores mapeiam o passado. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323 p.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GINZBURG, Carlo. **Os andarilhos do bem**: feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. Editora Companhia das Letras, 1988.

GOMES FILHO, Francisco Wellington; ALENCAR, Manoel Carlos Fonseca de. Assombrações: silêncios, barulhos e onde habitam. **Métis - História & Cultura**, Caxias do Sul, v. 21, n. 41, p. 92-108, jan./jun., 2022. Semestral. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/11198/5323> Acesso em: 01 fev. 2023.

GOMES FILHO, Francisco Wellington. **Histórias de Assombração**: narrativas de um imaginário do sertão. 2023. 179 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História e Letras, Mestrado Interdisciplinar de História e Letras, Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, Quixadá, 2023.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: Estudos sobre História. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2014.

LEVI, Giovane. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

REVEL, Jaques. Microanálise e construção social. In: REVEL, Jaques (org.). **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: A perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.